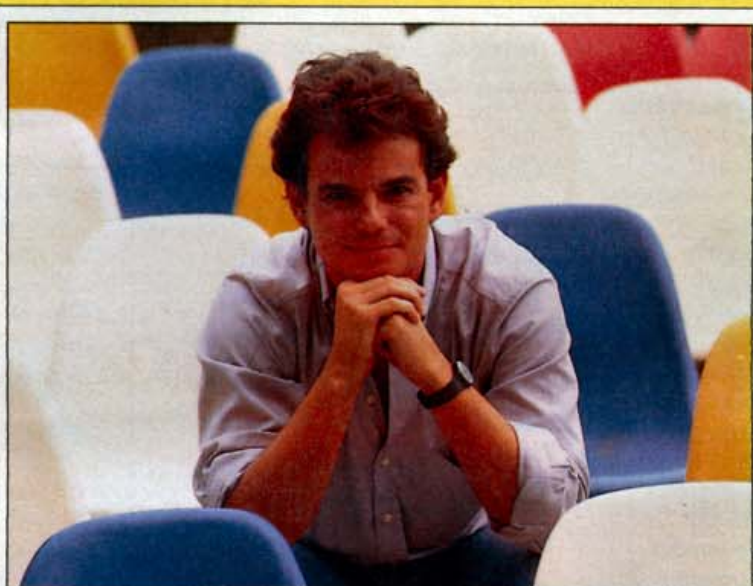


Império dos sentidos

Antropólogo americano diz que o erotismo grudou na cultura brasileira e que o maior prazer nacional consiste em transgredir regras

ELIANE AZEVEDO

Quando veio ao Brasil pela primeira vez, em 1982, o antropólogo americano Richard Parker vinha imbuído das curvas das mulatas dos folhetos de turismo e disposto a cair no samba, suor e cerveja. Apaixonado pelo país, ele descobriu, principalmente depois que passou a morar aqui, em 1988, que, se o Brasil não é exatamente como a agência de viagens havia vendido, a sensualidade e o erotismo fazem parte da cultura brasileira de forma intensa. Parker concluiu que o brasileiro cultiva essa auto-imagem sensual tão amplamente divulgada para os estrangeiros e acredita nela. O império tropical dos sentidos não é sinônimo de uma sociedade liberada sexualmente — ao contrário, existe



“Se não houver restrições, não existe prazer. Se não há o que ser transgredido, o prazer se evapora”

o pecado do lado debaixo do Equador, mas o prazer está em cometê-lo. Organizada dentro dos padrões tradicionais católicos e patriarcais, a cultura sexual brasileira contrapõe, segundo ele, a moralidade à transgressão dessas regras. “Só se pode entender o erotismo na sociedade brasileira pela ótica da transgressão e, principalmente, pelo prazer obtido com a transgressão”, proclama Parker.

As conclusões desse professor de 34 anos, PhD pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, estão no livro *Corpos, Prazeres e Paixões*, recém-lançado pela Editora Best Seller. Ele dissecou a sexualidade no Brasil baseado em depoimentos e estudos tomados paralelamente ao trabalho sobre Aids que coordena no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Parker analisa o que chamou de “ideologia do

erótico”, o conjunto de noções de sexualidade que trafegam no tormentoso terreno situado entre a moralidade dominante e as quatro paredes da intimidade de cada brasileiro. Num português quase perfeito, ele deu esta entrevista a VEJA, na semana passada, esmiuçando como a cultura brasileira distingue o que se faz em casa e o que vale para a rua, com base num caso exemplar: o recente *affair* entre Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral.

VEJA — O senhor diz que o brasileiro se autodefine como sensual. Essa imagem é verdadeira?

PARKER — Quando cheguei aqui, um amigo me advertiu: “Tome cuidado, o Brasil é sedutor”. Ele me deu a mesma visão que eu tinha lá fora, a de um país exuberante, uma mistura de exotismo e sensualidade. Essa é uma visão que vem

sendo construída dentro da cultura brasileira há muito tempo, desde Pero Vaz de Caminha, que descrevia a imagem de uma terra fértil, de natureza incrível, da beleza física dos índios. Pouco a pouco, essa visão do estrangeiro, olhando de fora para dentro, sob a perspectiva do europeu, foi se transformando e se interiorizando, dentro do povo brasileiro, como uma visão dele mesmo.

VEJA — O brasileiro descobriu, então, sua sensualidade através dos olhos dos outros?

PARKER — Num primeiro momento, sem dúvida, foi a visão do estrangeiro que definiu essa idéia. Foi a visão de Barleus, o historiador holandês, que definiu o Brasil, em primeira

instância, como uma terra abaixo do Equador onde o pecado não existe. Isto foi transposto, especialmente a partir do século passado, para o pensamento dos intelectuais brasileiros sobre a cultura do país e, depois, terminou enraizado no povo e reproduzido na cultura popular, no Carnaval e na cultura de massas, como nas novelas. O olhar do estrangeiro tem sido um espelho importante para o brasileiro, para sua autodefinição, porque o Brasil tem uma cultura cosmopolita.

VEJA — Além de olhar, o estrangeiro também não teve uma participação ativa na formação cultural e moral do país?

PARKER — É preciso ver o tipo de estrangeiro que chegou aqui. Havia criminosos ou pessoas expulsas das sociedades européias. Muito dessa visão do país onde tudo é permitido veio da idéia

OSCAR CABRAL

daquela gente marginal que caiu neste buraco tropical. Houve também a vinda de povos africanos, que vieram se somar às culturas indígenas que já existiam aqui e às instituições trazidas pelos colonizadores: a Igreja Católica, o sistema latifundiário, o patriarcado. A moralidade do brasileiro é formada por esse encontro de diversas moralidades, de diversas tradições culturais, muitas vezes contraditórias. Nas outras sociedades da América Latina, houve a integração ou mesmo desintegração de outras tradições diante da dominante, no caso, a Igreja Católica. No Brasil, aconteceu uma certa tolerância em relação às diversidades, talvez porque a Igreja portuguesa fosse menos rígida do que a espanhola.

VEJA — *O que é a ideologia do erótico que, no seu livro, o senhor diz ter nascido desse saco de gatos que formou o Brasil?*

PARKER — A sexualidade se manifesta apenas dentro dos processos sócio-culturais. Não existe sexualidade humana, mas sexualidade cultural. Eu acho que não dá para entender o lado erótico do Brasil sem entender o lado da tradição conservadora, enraizada na ideologia católica e numa estrutura extremamente hierárquica, que reforça o poder do homem em relação à mulher. Esses dois lados coexistem, moldando uma sexualidade aceitável e outra não aceitável. A ideologia do erótico passa a existir, portanto, na transgressão desses padrões. A cultura brasileira se erotiza quando o ato de coibir define a possibilidade de transgredir.

VEJA — *Mas isso não acontece em qualquer sociedade?*

PARKER — Em comparação com outras sociedades, o contexto brasileiro se distingue pelo grau do desenvolvimento da ideologia do erótico, que funciona em cima do valor fundamental dado ao prazer. Ele é absolutamente central. É no ponto de transgressão que o prazer se localiza e é ao redor de um prazer maior possível que a ideologia do erótico circula na cultura brasileira.

VEJA — *Por que a cultura brasileira é erotizada, apesar de calcada em padrões tradicionais e machistas, e na Suécia, considerada o paraíso da liberdade sexual, as pessoas morrem de tédio?*

PARKER — A Praia de Copacabana, na qual não há nudismo e mal acontece o topless, pode ser mais erótica do que uma praia de nudismo na Califórnia. Sem restrições não há prazer; se não há o que ser transgredido, o prazer se evapora. No contexto sócio-cultural que tem evoluído aqui no Brasil, é difícil pensar no erótico sem pensar na transgressão.

VEJA — *A primeira-dama Rosane Collor foi fotografada de biquíni e não houve comoção nacional. Isso poderia acontecer, por exemplo, nos Estados Unidos?*

PARKER — O puritanismo americano não engoliria uma primeira-dama de biquíni. Isto mostra que a sensualidade é valorizada como uma parte da identidade cultural brasileira. Só que, ao mostrar o corpo, Rosane Collor não contestou os padrões da moralidade dominante. É diferente do que acontece, por exemplo, com o homossexualismo, visto como uma ameaça aos padrões fundamentais que regem a sociedade. Nos Estados Unidos, talvez haja um espaço público maior para o militante gay, como uma expressão legítima dos direitos civis. No Brasil, há maior tolerância com a homossexualidade

“Gary Hart não pôde ser candidato a presidente porque tinha uma amante. Mas Cabral e Zélia não foram considerados ‘maus’, o que mostra como a cultura erótica se infiltrou na moralidade dominante. É uma coisa que eu nunca poderia imaginar acontecendo nos Estados Unidos”

e outras expressões sexuais — desde que elas fiquem entre quatro paredes.

VEJA — *A ideologia do erótico, portanto, é exercida a portas fechadas?*

PARKER — Entre quatro paredes, tudo pode acontecer, como se diz aqui no Brasil. Essa definição declina uma divisão cultural muito aprofundada entre espaço público e privado. É como a rua e a casa. Na visão tradicional, católica, o sexo serve para a reprodução e é uma questão da casa. A ideologia do erótico quebra essas distinções. No espaço privado, pode existir uma liberdade sexual oposta à moralidade vigente no espaço público. Mas também pode invadir a rua. Transgredir significa romper as restrições que a moralidade tradicional tenta

impor para colocar a sexualidade em espaços definidos.

VEJA — *A mistura dos espaços ainda dá confusão?*

PARKER — Um belo exemplo foi o romance de Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral. Enquanto a atividade extraconjugal do ex-ministro foi uma coisa discreta, não houve problemas. Quando foi tornada pública na festa da ex-ministra, passou a ser um fato político e virou escândalo. Há uma diferença entre culpa e vergonha. Culpa é um sentimento interno de erro; vergonha é quando os olhos dos outros apontam o que você fez de errado. O Brasil coloca muita ênfase na vergonha, e não na culpa.

VEJA — *Mas Zélia, apesar de ter sido “a outra”, não foi condenada socialmente e manteve uma boa imagem pública.*

PARKER — Isto é outra coisa que eu nunca podia imaginar acontecendo nos Estados Unidos. Gary Hart não pôde ser candidato à Presidência porque tinha uma amante e, hoje, não se elege síndico de prédio. Mas Cabral e Zélia não foram considerados “maus”. Isso pode mostrar como a cultura erótica infiltrou-se na moralidade dominante, mas tem a ver com aquela tolerância histórica da qual falei antes. Só que nem sempre isso funciona. Num país onde existem as Paquitas, um livro de fotografias eróticas de ninfetas foi repudiado, como aconteceu recentemente em São Paulo. Pode parecer hipócrita essa reação conservadora. Mas é um sintoma das contradições mal resolvidas entre as diversas moralidades que coexistem na cultura sexual brasileira.

VEJA — *Afinal, o que existe de peculiar, entre quatro paredes, no comportamento sexual do brasileiro?*

PARKER — Eu procuro entender a ideologia, e isso nem sempre significa que essa seja a prática. O que pude constatar é que se valoriza muito a variedade da prática erótica. Os prazeres são achados fora do feijão-com-arroz, do papai-e-mamãe. Há um cardápio rico na ideologia do erótico.

VEJA — *Como se definem esses prazeres?*

PARKER — Há uma palavra aqui que não encontra equivalente em inglês. É intraduzível: sacanagem. Se alguém faz alguma coisa errada comigo, então, me sacaneou. Existe um sentido mais leve, que é quando a gente faz uma brincadeira com um amigo. No sentido sexual, a palavra delimita todo um campo de práticas sexuais diferentes. O que une esses três sentidos é a idéia da transgressão. A vida social tem regras e

a sacanagem acontece quando as pessoas quebram essas regras. Em antropologuês, sacanagem seria uma categoria cultural, através da qual se pode entender a cabeça de uma cultura. Aliás, o Brasil tem uma grande variedade de palavras para definir práticas sexuais. Isso permite maior manipulação e negociação dos significados que a sexualidade tem para as pessoas.

VEJA — *Essa manipulação pode definir papéis sexuais?*

PARKER — Existe uma distinção muito forte, ainda, na hierarquia entre homens e mulheres, entre atividade e passividade, significando masculinidade e feminilidade. Essa mesma divisão estrutura relações entre pessoas do mesmo sexo. Enquanto o parceiro passivo numa relação entre homens se desvia do papel de macho, o parceiro ativo, como desempenha seu papel dominante, não tem a masculinidade posta em jogo. Na sociedade européia e americana, discute-se a escolha do parceiro sexual, e não o papel na relação. Aqui, classifica-se apenas o homossexual passivo.

VEJA — *Não existe uma definição específica para quem exerce o papel ativo?*

PARKER — Nem este homem ativo nem a sociedade o reclassificam sexualmente. Cria-se um espaço para o comportamento homossexual ou bissexual, assim como se cria um nicho para que um homem tenha a esposa e as mulheres da rua. Muitas vezes, esse homem ativo, no seu papel de machão, se relaciona com uma prostituta e um travesti, e ambas as relações, possivelmente, são bem menos importantes em sua cabeça do que sua mulher e filhos. As identidades sexuais são, portanto, negociadas e manipuladas, traçando-se linhas de fuga nas quais as pessoas procuram escapar às conseqüências sociais e psicológicas de seu comportamento.

VEJA — *A sensualidade da mulher brasileira é muito valorizada em nossa cultura. Como isso funciona dentro da hierarquia da relação entre homens e mulheres?*

PARKER — No campo da feminilidade, a mulher possui papéis definidos. De um lado, a virgem e a mãe; do outro, a prostituta. É uma oposição de positivo e negativo. No entanto, a hipervalorização da virgem e da mãe se contrapõe a uma falta de investimento erótico nessa imagem, enquanto que "a outra" é objeto de maior desejo sexual, embora seja desvalorizada socialmente. Apesar de os padrões serem os típicos das sociedades machistas, mais uma vez aparecem as contradições entre o tradicional e a ideologia do erótico.

VEJA — *O feminismo não deu certo no Brasil?*

PARKER — Há diferenças grandes na forma como se construiu o feminismo em outros países e no Brasil. E há diferenças de classes sociais no questionamento do papel da mulher. A feminista americana teria dificuldades em reconhecer, na cara da feminista brasileira, sua semelhante. A mulher brasileira tem uma forma de andar e de se vestir que não se identifica com o feminismo lá de fora. No Brasil, além disso, o feminismo ainda é coisa de classe média. Isso não significa que o comportamento da mulher das classes populares não apresente até avanços em relação ao da mulher de classe média, mas, como ideologia, o feminismo não teve impacto para a grande massa.

"Existe uma grande preocupação no Brasil com a Aids e até um bom grau de informação. Mas o comportamento sexual mudou muito pouco. Nos grupos de risco, houve mudanças, mas nada tão substancial que torne a doença menos apavorante. O brasileiro tende a ver a Aids como um problema dos outros"

VEJA — *O Carnaval ainda é um espaço importante de transgressão sexual na cultura brasileira?*

PARKER — O Carnaval é a ritualização da transgressão. Lógico que ele tem sido manipulado por razões políticas e econômicas. Da mesma forma como não se pode falar da sexualidade brasileira como uma coisa única, também não se pode falar apenas em um Carnaval. É diferente no Rio, em Olinda ou Salvador. Mas ainda é um espaço em que as hierarquias da vida cotidiana se subvertem. O povo, no desfile das escolas de samba, passa a ser o centro do mundo; as figuras desviantes, como travestis e prostitutas, podem existir legitimamente. A lógica cultural em jogo no Carnaval segue a lógica da ideologia do erótico.

Há a perspectiva da transgressão em cima do exacerbado prazer corporal, obtido não só através do sexo, mas do ritmo do samba, da exposição de corpos seminus. Além de ritualizar, o Carnaval institucionaliza a transgressão e dramatiza a sensualidade.

VEJA — *O senhor concorda com as inúmeras afirmações segundo as quais o Carnaval se transformou numa festa para inglês ver?*

PARKER — Não estou dizendo que o Carnaval é uma expressão pura. Ele funciona daquele mesmo jeito da visão do estrangeiro que entrou no Brasil, foi introjetada por intelectuais como Paulo Prado e Gilberto Freyre, para a definição do eu brasileiro, e depois apresentada para as pessoas que vêm de fora. Portanto, não se pode dizer que é uma coisa falsa. Apesar de todos os interesses que estão em jogo no Carnaval, e justamente pelo fato de ser para inglês ver, ele é a cara que a sociedade brasileira mostra, intencionalmente. Não é o maior show da Terra? O Carnaval exibe uma auto-interpretação da sociedade.

VEJA — *A Aids mudou o comportamento sexual do brasileiro?*

PARKER — A Aids foi interpretada aqui segundo os padrões americanos, o que é um erro, dadas as grandes diferenças na cultura sexual. O grupo bissexual, por exemplo, é muito vago no Brasil, em função daquele desvio permitido, da questão ativo/passivo que predomina por aqui. Há uma grande preocupação no Brasil com a Aids e até um bom grau de informação básica sobre a doença. Mas o comportamento sexual mudou muito pouco. Nos grupos de risco, chegou a haver mudanças, mas nada assim tão substancial que tornasse a epidemia de Aids menos apavorante. O brasileiro tende a ver a Aids como um problema dos outros, não dele. Aquele homem que exerce papel ativo numa relação homossexual não se percebe numa situação de risco. A prevenção da doença tem de levar em conta a flexibilidade e a peculiaridade da ideologia do erótico no Brasil.

VEJA — *Afinal, o brasileiro é mesmo mais sensual do que os outros povos?*

PARKER — Uma amiga minha, americana, me fez outro dia essa pergunta e eu achei muito complicado responder. Certamente, o erotismo é mais elaborado dentro da cultura brasileira e a ideologia do erótico tem um peso muito maior no Brasil do que, por exemplo, nos Estados Unidos. Nesse sentido, sim, o povo brasileiro seria mais quente. ■